



# MAUMAUS

Comunicado de imprensa | 23.01.2017

Peter Friedl

## Teatro Popular

28.01. - 02.04.2017

28.01 | 17h00 Inauguração da exposição

01.04 | 20h00 Projeção do filme *Dom Roberto* (1962, Ernesto de Sousa), seguida de conversa com Isabel Alves e Jürgen Bock

Na sua primeira exposição individual em Portugal, Peter Friedl apresenta objetos inspirados num formato teatral português de rua, vulgarmente conhecido como Teatro Dom Roberto. O palco (barraca) é uma construção minimalista forrada a tecido, do tipo “faça você mesmo”. A construção esconde os bonecreiros, que dirigem as violentas e barulhentas ações dos fantoches, do olhar do público. O tradicional Teatro Dom Roberto é uma arte *menor* por viver da tipificação, da repetição e de um repertório restrito como *O Barbeiro Diabólico* ou *A Tourada*.

Para a sua exposição no espaço Lumiar Cité, Peter Friedl criou o seu próprio mundo teatral, tão idiossincrático quanto plausível. Trata-se de um universo essencialmente lusófono que assume a forma de coloridas *barracas* e fantoches, repleto de referências históricas que remetem para diferentes séculos e continentes. Assim, encontramos o astrónomo sefardita Abraão Zacuto (1452-c.1515), refugiado vindo de Espanha que foi nomeado pela corte régia como astrónomo até ser forçado a abandonar Portugal, rumo a Tunes, devido à perseguição aos judeus. O seu *Almanach perpetuum* revolucionou a navegação marítima da época. Relativas à atualidade, estão representadas as figuras de Isabel dos Santos, empresária e primeira bilionária africana, bem como do seu pai, José Eduardo dos Santos, Presidente da República de Angola desde 1979. Surge ainda o colecionador de arte e filantropo Calouste Gulbenkian - o “Senhor Cinco por Cento” -, um dos primeiros a extrair petróleo iraquiano. O esplendor real é representado pelo desventurado rei D. Sebastião, cujos planos de uma cruzada tardia sobre o norte de África conduziram-no a uma aventura militar onde morreu prematuramente.

Na anacronia de Friedl surgem, ainda, outras personagens: a rainha Nzinga Mbandi (1583–1663) dos reinos Ndongo e Matamba, que com grande habilidade diplomática manteve afastados os invasores portugueses durante um longo período de tempo; o príncipe Nicolau (c.1830–1860) do reino do Congo que, por carta, protestou contra a política económica colonial; Stanley Ho (n.1921), que se tornou no “Rei do Jogo” em Macau; o famoso compositor angolano Bonga; Olga Mariano, incansável defensora dos direitos da comunidade cigana em Portugal; e o General António de Spínola (1910–1996), primeiro Presidente da República provisório após a Revolução de 25 de Abril de 1974.

Também surgem personagens fictícias, como é o caso de Ilsa Lund (Ingrid Bergman), que planeia fugir de avião, de Marrocos para Portugal, no filme clássico de Michael Curtiz, *Casablanca* (1942). Numa pequena homenagem ao filme *Dom Roberto* (1962), de Ernesto de Sousa, reconhece-se a figura de Maria, interpretada por Glicínia Quartín. A moura Floripes é originária de uma lenda carolíngia, cujo rasto nos conduz até à Ilha do Príncipe. Não sabemos onde encontrar Madeleine McCann, conhecida por Maddie, que desapareceu da casa de férias na Praia da Luz na primavera de 2007, mas sabemos que o ocultista Aleister

Crowley forjou o suicídio, com a ajuda de Fernando Pessoa, na Boca do Inferno (Cascais) durante o outono de 1930. O Diabo e um elefante completam o elenco reunido por Peter Friedl.

Para a construção da *barraca*, Friedl desenvolveu diversos protótipos que podem ser instalados e desmontados sem o auxílio de ferramentas. Em vez do forro em chita de Alcobaça, preferida pelos bonecreiros locais, o artista continua a tecer a sua teia até ao Brasil, onde a variante de teatro de fantoches originária do Nordeste dá pelo nome Mamulengo. Com os seus próprios fantoches, Peter Friedl alcança – parafraseando o sociólogo Zygmunt Bauman, recentemente falecido – uma ambivalência, no sentido da possibilidade de atribuir a um objeto ou um acontecimento mais do que uma categoria, obtendo-se assim uma desordem específica à língua que pode desencadear um desassossego esclarecedor no observador.

O jogo complexo de transferências contextuais de Peter Friedl, citações precisas e permanente deslocamento - uma espécie de combate de sombras com o realismo e a mimese - segue uma estética de intimidade crítica. Na exposição, enquanto *medium*, as figuras, produzidas com a ajuda de um bonecreiro local, sugerem um alargado número de narrativas que vão além do repertório “tradicional” do Teatro Dom Roberto. A qualquer momento, as figuras podem dar início à representação, mas permanecem silenciosas e fixas, como se estes heróis e heroínas tivessem sido condenados pelo pecado original do individualismo e da fixação histórica. A ação e o enredo são omissos. Enquanto no género tradicional de teatro popular a *dramatis persona* procura refúgio contra o excesso de história, Friedl explora a questão de como a história funciona. Terá o real de ser ficcionado para que possa ser pensado? O artista está consciente de que tanto o historiador como o poeta se confrontam com a mesma incongruência entre a realidade histórica e a sua articulação linguística. A procura de modelos narrativos alternativos aponta para uma mobilidade abrangente de noções e conceitos – transversalmente, através dos tempos.

**Peter Friedl** (Áustria, 1960) vive em Berlim. A sua obra foi apresentada internacionalmente, incluindo nos seguintes espaços: Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofia (Madrid), Centre Pompidou (Paris), Walker Art Center (Minneapolis), Van Abbemuseum (Eindhoven) e Hamburger Kunsthalle. Participou nos seguintes eventos: Taipei Biennial (2016, 2012), Bienal de Veneza (2015, 1999), Bienal de Arquitetura de São Paulo (2013), La Triennale (Paris, 2012), Bienal de São Paulo (2008), Gwangju Biennale (2008), Manifesta 7 (Trentino, 2008), documenta XII (Kassel, 2007), documenta X (Kassel, 1997) e Berlin Biennale (2004). Entre as recentes exposições individuais destacam-se: “The Diaries”, Grazer Kunstverein (Graz, 2016); “The Dramatist”, Artspace (Auckland, 2014); “Dummy”, Museum of Contemporary Art (Siegen, 2014); “King Kong”, Le Lieu unique (Nantes, 2013); “Peter Friedl”, Sala Rekalde (Bilbau, 2010); “Working”, Kunsthalle Basel (2008); “Blow Job”, Extra City Kunsthall (Antuérpia, 2008) e “Work 1964–2006”, Museu d’Art Contemporani de Barcelona (MACBA) / Miami Art Central / Musée d’Art Contemporain, Marselha (2006–07).

Colaboração da Maumaus e do Goethe-Institut Portugal, no âmbito da parceria para o Programa Internacional de Residências.

Para mais informações, por favor contactar:

Carlos Alberto Carrilho | Tel + 351 21 352 11 55 | carlos.carrilho@maumaus.org | www.maumaus.org

Lumiar Cité, Rua Tomás del Negro, 8A  
1750-105 Lisboa, Portugal

**Quarta a Domingo**, 15h00 às 19h00 ou através de marcação

Carris: 798 paragem Rua Helena Vaz da Silva, 717 paragem Av. Carlos Paredes

Metro: Lumiar (saída Estrada da Torre)

Lumiar Cité é um espaço da Maumaus.

Estrutura financiada por:



Produção:



Colaboração:



Apoio:

